

Prefácio

25 *Folhas de Abril Caíram*, é poesia? São fragmentos de memórias? Nem o autor tem certezas sobre este texto impressivo e sincopado. Quando Carlos Pé-Leve me falou dele, disse que não o sabia bem definir, que eram *coisas que estavam presas nele*. Lendo-o, julgo que não as escreveu *para se libertar delas*, antes *para as libertar*, iluminando-as com um enquadramento plástico de ilustrações originais. Estas, expressões visuais, são pertinentes num texto tão sensitivo: uma mensagem/testemunho, na primeira pessoa, de uma experiência social e emocional sobre o 25 de Abril de 1974. Com o cinzento dos anos de chumbo da ditadura ainda agarrado à pele, o empenhamento social e político que sem grandes interrogações caracterizavam o tempo colaram-se ao autor. Não surpreende. A arte não é exterior à sociedade, e o artista não tem de ficar intocado na margem dos acontecimentos. Carlos Pé-Leve apresenta-nos a ressonância sensitiva do que foi um momento cultural e social com uma ética e uma estética próprias. Nele conviveram perspectivas e acções diversas. Uma realidade vivida do que foi uma explosão de liberdade e festa colectiva que varava os dias e as noites. Julgo que o autor deseja partilhar essas sensações. Quer com quem as viveu, quer iluminando esse passado aos que nele não participaram. E fá-lo com muitas das palavras que eram o nome das coisas naqueles dias.

Importa lembrar, a quem este livro possa parecer um excesso caricato, que em 1974/1975 tal significava uma verdade: a possibilidade de refazer a vida que, até ali, parecia esvaziada de sentido e que, hoje, volta a parecer não o ter muito. Como se fosse preciso, parafraseando Eric Hobsbawm, não usar apenas o mesmo vocabulário mas falar a mesma língua. Mas, naquele tempo, mesmo falantes distintos compreendiam o que uns e outros queriam dizer. Pode-se argumentar que, formalmente, o texto de Carlos Pé-Leve é desordenado, que está pontuado por repetições, que lhe falta coerência na articulação. Mas pode-se também dizer de quem viveu o 25 de Abril e que dele tenha uma noção ordenada e sistematizada, o mesmo que se disse sobre outro momento: *quem se lembra de Maio de 68 não estava lá*. Esses são os que não terão estado, por inteiro, nestes acontecimentos com potenciais transformador e na plena dimensão do que foi a sua festa tão libertadora e emotiva. A visão de uma vivência comprometida e participada transcende a conformidade neutra de uma expressão lúcida e normativa pautada por uma racionalização regrada. O sentido destes momentos está para além do visível e do documentado. Robert Kurz (in *Os Últimos Combates*) sublinha: *um movimento que não tem sonhos não é um movimento*.

Sair da ditadura parecia um sonho, e era como estar a trair aquela História para que outras lógicas históricas nascessem. Neste contexto, este livro é uma expressão de um sentimento sobre essa realidade. Carlos Pé-Leve tem consciência disso ao citar Balzac: *A missão da arte não é copiar a natureza, mas exprimi-la*. As emoções fazem parte da natureza mais característica e profunda dos homens. Animais sociais por essência, capazes de se comprometerem com a arte, com o sonho, com a vida, de a sustentar e alavancar mudanças. E 25 de Abril também foi isso, uma relação da arte e do sonho com a vida quotidiana, não no sentido da banalidade dos dias. No da (...) *madrugada que eu*

esperava/ O dia inicial inteiro e limpo/ Onde emergimos da noite e do silêncio/ E livres habitamos a substância do tempo. (Sophia de Mello Breyner. *O Nome das Coisas*, 1977). Uma Primavera que desabrochava rápida, onde tudo era urgente. Foi um tempo, para todos, incomparável; para alguns, inesquecível e em que tudo parecia possível. Uma experiência única: *Abril era infinito/ Abril não acabava/ E o povo gritava que apenas Abril existia* (p. 24). Por isso, este livro recupera tantas imagens, pedaços de versos e canções, slogans e acontecimentos que, naqueles dias irrepetíveis, tomaram conta das nossas vidas. Chegados à meia-idade, não nos lembramos de outros dias tão intensos. Mesmo que nem tudo fosse dar certo, os que, como Carlos Pé-Leve, “estiveram lá” não desejam que eles se eternizem apenas em memórias cristalizadas nas pegadas do tempo.

Hoje, confrontamo-nos com um país diferente e mais evoluído, acumulámos mais informação e outras referências. Por isso, quem não viveu aquele tempo poderá sentir estranheza ao ler este livro. Para alguns, o que Carlos Pé-Leve aqui escreve seria, apenas há uns três anos, percebido como expressão de uma memória vazia e incomodativa, uma inutilidade para a desconstrução do mito de desenvolvimento e bem-estar. Agora, talvez possam alinhar este texto impressivo na necessidade de revisão/demolição da realidade. O autor não precisa de a expressar taxativamente; ela ressalta por ausência comparativa, por oposição ao que são as suas memórias do 25 de Abril, do tempo próximo que se lhe seguiu, e do que eclodiu depois: vidas porventura mais confortadas, mais *educadas*; com mais poder de compra. Em troca, um progressivo retrocesso cultural, laboral e político; pessoas devidamente controladas, escrutinadas, vigiadas e marginalizadas do processo político, num contexto em que (...) *na realidade assistimos agora pela primeira vez na história da U.E. a uma desmontagem da democracia*, como disse Helmut Schmidt, citando Jürgen Habermas, num pertinente

discurso recente. Para quem, como Carlos Pé-Leve, viveu aqueles tempos de uma intensidade ímpar, é exasperante ou curioso de se observar este aparentemente novo e insidioso cinzento que continua a afogar as nossas vidas. Agora, perante uma apática e generalizada indiferença. Espanta-nos a mansidão desiludida dos nossos dias; dias de ausência de sentido e expectativa, como se este fosse (...) *o tempo em que os homens renunciaram* (Sophia de Mello Breyner. Mar Novo, 1958). Como pode, então, Carlos Pé-Leve não sentir uma irreprimível vontade de soltar as coisas que estavam presas nele? De desejar que a sociedade se volte a religar com os indivíduos, o que em 25 de Abril parecia estar a acontecer?

Alguns, podem dizer que Carlos Pé-Leve, na impossibilidade de fazer ressurgir e prosseguir aquele tempo, está apenas a perseguir memórias do real. A expor fragmentos do que foi a linguagem e cultura de um momento revolucionário eivado de pulsões libertárias. E até podem ser mais críticos: para que é que ele está a escrever isto? No fundo, tirando a queda do fascismo e arejamento nos costumes, o 25 de Abril foi uma coisa inconsequente, quer como alternativa histórica, quer como reinvenção do quotidiano, quer como verdadeira emancipação social e transformação de conceitos profundos do mundo burguês. Ele não reparou que, com a evolução da globalização, aquilo a que se assistiu foi a uma apropriação de valores e formas de vida burguesas, uma cultura que triunfou face a visões alternativas? Mas será que, agora, estas afirmações discordantes de Carlos Pé-Leve são concordantes com a realidade, quando até os tradicionalmente instalados começam a ser empurrados para as fronteiras da exclusão, quando o presente definha e o futuro é incerto? Dir-lhes-ia que memórias destas também importam para uma tomada de consciência. Para não ficarmos, apenas, a contemplar a passagem do silêncio, da desordem social, de novas formas de ausência de liberdade. Que se alguns têm de-

sejo de revisitar o que foi um presente passado, ou apenas a sua imagética, é porque estão com saudades de futuro, com vontade de interrogar e questionar a lógica social que os esmaga, de reavaliar a cultura da sociedade do espectáculo que os sufoca. É por isso que Carlos Pé-Leve volta onde já esteve, mesmo que, hoje, seja um deserto desses dias: *De seiva de Abril me alimento/Os corpos ardem com o sonho de Abril/ (...) Abril em silêncio perde-se no tempo (...) Sonha com um corpo novo/ (...) Abril justo de um fogo ardente (...) Passo a passo cheguei ao espaço que o sonho cedeu* (p. 34-52). É como se, neste livro, ele gritasse: quero um outro Abril na minha vida; e quero-o, se possível, hoje mesmo!

Vera Silva*

* Bibliotecária

(Texto escrito de acordo com a anterior ortografia portuguesa)